



ANO X
Nº 106
MAIO . 98



Jornal de Itaipu

O C A N A L D E A P R O X I M A Ç Ã O

Altino é o novo diretor-geral



A convite do presidente da República, Euclides Scalco deixou a diretoria-geral brasileira de Itaipu para ser o coordenador político da campanha de reeleição de Fernando Henrique Cardoso. Em seu lugar, assumiu o diretor técnico executivo, Altino Ventura Filho, que passou a acumular os dois cargos. Na primeira entrevista à imprensa, Altino afirmou que não pretende fazer nenhuma alteração na diretoria e no restante de sua equipe de trabalho. Segundo ele, uma das prioridades da sua gestão será a instalação das duas novas unidades geradoras. **Página 3**

O canto de Itaipu

Itaipu ainda é “a pedra que canta”. Mas, se antes era o som das águas que, ao bater nas pedras, lembrava uma suave melodia, hoje a música nasce das vozes e das emoções do Coral de Itaipu, que em maio lançou o seu primeiro CD, numa festa que ficará na memória de todos. E foi para perpetuar a lembrança da gente de Itaipu que, também em maio, foi criado o Bosque do Trabalhador. Esse pessoal, que hoje opera a maior hidrelétrica do mundo, merece mesmo passar para a História, ao lado dos “desbravadores de Itaipu”, gente que já trabalhava pela usina mesmo antes dela existir.



Primeiro CD. Os salões do Floresta Clube lotaram na noite de lançamento do CD do Coral de Itaipu. **Páginas 8 e 9**



Desbravadores. Corrado Piassentin e o guia Almiron, em 1971: um mês perdidos na mata, numa expedição para descobrir jazidas de areia e cascalho que seriam usadas na construção da Usina de Itaipu. **Página 5**

Bosque do Trabalhador. Em 20 de maio, próximo à usina (ao lado do Mirante Central), nasce um bosque, com árvores plantadas pelos funcionários que têm entre 15 e 24 anos de casa. **Página 7**



EDITORIAL

Amigo leitor

A Comunicação Social tem recebido muitos elogios pelo **Jornal de Itaipu**. Dos textos às fotos, da diagramação à qualidade de impressão, o jornal é “dissecado” pelos leitores que, ao final, com uma ou outra ressalva, sempre apontam mais virtudes que defeitos. Isso é bom para o nosso trabalho. Mas a intenção é melhorar sempre e, nesse sentido, os elogios apenas funcionam como estímulo. Ao mesmo tempo, leitor, de todas as áreas partem pedidos para que divulguemos atividades internas, cursos, seminários e palestras. Toda essa rotina de aperfeiçoamento de pessoal é fundamental para a empresa, mas tiraria de nosso jornal o espaço das reportagens, das fotos que emocionam não só o leitor interno como o público “de fora”. O **Jornal de Itaipu** prioriza reportagens que mostrem os empregados de Itaipu nas mais variadas atividades, que revelem curiosidades sobre esta obra gigantesca, que valorizem cada um dos que aqui trabalham. As ações da própria empresa têm vez, mas sem tirar o espaço que o trabalhador merece. É por isso que nem sempre conseguimos atender todos os pedidos para noticiarmos tantos eventos internos. Mas, para que nossos funcionários sempre fiquem bem informados, uma das soluções é que os promotores de palestras, cursos e seminários façam maior uso do **Jl Eletrônico**. Sabemos que, muitas vezes, o registro fotográfico seria interessante para os participantes. Mas, num espaço de apenas 16 páginas, inserir tudo o que acontece nessa imensa usina de notícias tornaria o jornal desinteressante. E, aí, quem é que gostaria de ser notícia num jornal assim?

ERRATAS

- Em nossa última edição, o nome de nosso colega José Carlos Siqueira Peçanha foi grafado errado na lista dos funcionários que completaram 15 anos de empresa.
- Na reportagem sobre os plantões de domingo, não foi mencionado o trabalho da equipe de bombeiros da usina. Os bombeiros, em todos os feriados e finais de semana, cumprem escala ininterrupta, mantendo em plantão permanente uma equipe de cinco homens.
- Na matéria sobre o Painel do Barrageiro, última obra do artista plástico Poty Lazzarotto, morto em 8 de maio, informamos que a obra terá 30 metros de comprimento por 6 metros de altura. O correto é 25 metros de comprimento por 3,5 metros de altura.

ESPAÇO DO LEITOR

PATRIMÔNIO

“Em nome da escola de Engenharia Mauá e seus alunos, e ainda em meu próprio, venho aqui agradecer a acolhida que tivemos na visita técnica às instalações da Usina Hidrelétrica de Itaipu no dia 4 de maio. Além de todos os funcionários que tornaram possível a realização da visita, é preciso agradecer em especial à Sra. Edna Carvalho pela gentileza e presteza com que providenciou a visita, à Sra. Maria Gorete Baruta pela forma gentil e prestativa com a qual nos recebeu e à Sra. Keila Regina de Oliveira pelo empenho e dedicação com que conduziu a visita.

Sem dúvida houve significativo enriquecimento do patrimônio técnico, cultural e humano de todos nós que aí estivemos”.
Prof. dr. José Carlos Lauria, Instituto Mauá de Tecnologia, São Paulo (SP).

XEROX

“Vimos agradecer todo o apoio e colaboração dada à Xerox do Brasil, Filial Londrina, na visita feita pelo nosso charmain,

Mr. Paul Alaire, às vossas instalações em 9 de maio. Gostaríamos de estender os agradecimentos a todos funcionários envolvidos no evento”.

Carlos Venderano, gerente de Mercado da Xerox do Brasil – Filial Londrina (PR).

ESTUDANTES

“Meus profundos agradecimentos pela excelente acolhida que os alunos do T.S.T. do Colégio Juscelino K. de Oliveira e seus acompanhantes tiveram nos diversos setores da Usina de Itaipu em suas visitas técnicas nos dias 25 de abril e 2 de maio. Foi tudo muito interessante, gratificante e proveitoso para todos eles porque grande também fora seu enriquecimento de conteúdo escolar. Todos voltaram realizados pelo que viram, aprenderam e pela atenção que tiveram”.

Antônio Gomes Pimenta, diretor-adjunto do Colégio Estadual Juscelino K. de Oliveira, Maringá (PR).

BICICLETA

“Queria externar os meus agradecimentos a todos os amigos que colaboraram para comprar a bicicleta que recebi no dia do meu aniversário, em 24 de janeiro. Este presente está sendo muito útil, servindo inclusive para me locomover até o Centro Executivo. A todos, muito obrigado”.

Waldemar Oliveira, auxiliar de serviços gerais.

VISITA DE SARNEY

“Ressaltamos e agradecemos a essa Assessoria de Comunicação Social, na pessoa do nosso colaborador, Adelar Della Torre, pela atenção prestada à comitiva do senador José Sarney, durante a visita a esta cidade. O tratamento dispensado ao ilustre visitante, bem como a qualidade das informações técnicas que lhe foram transmitidas, atestam a excelência dos componentes dessa Assessoria, constituindo-se em motivo de orgulho para esta Entidade”.

Fabiano Braga Côrtes, diretor administrativo.



Workshop para secretárias

No início de abril, o Departamento de Treinamento promoveu um workshop para 22 secretárias de toda a empresa. O curso foi ministrado pelo Senai e permitiu às profissionais a oportunidade de se reciclar.



Engenharia da Unioeste

Os alunos do curso de Engenharia da Unioeste-Foz visitaram a usina, pela primeira vez. Apesar da visita ter sido em março, o engenheiro Ricardo Pamplona, um dos que batalharam pela criação do curso, pediu o registro no **Jornal de Itaipu**, para “eternizar” o fato.

EXPEDIENTE

Publicação da Itaipu Binacional

Prêmio Aberje 1996 e 1997
Melhor Jornal Interno do Brasil

Tiragem: 4.500 exemplares

Assessoria de Comunicação Social: Curitiba/PR: Rua Comendador Araújo, 551 - 9º andar. CEP 80.420-000.
Fone: (041) 321-4149/321-4147. Fax: (041) 321-4142
Foz do Iguaçu/PR: Divisão de Imprensa - Centro Executivo
Avenida 3, s/nº - sala 110 - Vila A. CEP: 85.857-670.
Fone: (045) 520-5230/520-5385. Fax: (045) 520-5248

Home page na Internet: <http://www.itaipu.gov.br>

E-mail: fadaim@itaipu.gov.br

Superintendente de Comunicação Social: Helio Teixeira
Gerente da Divisão de Imprensa: Maria Auxiliadora Alves dos Santos (Jornalista responsável MTB 13.999)

Redação e Edição: Helio Teixeira, Maria Auxiliadora A. dos Santos, Vinicius Ferreira, Cláudio Dalla Benetta e Heloisa Covolan

Fotografia: Caio Francisco Coronel e Jílito César Souza
Colaborou nesta edição: Luigi Miraglia

Diagramação: Fabiana Ribeiro dos Santos
Fone: (041) 356-9272

Fotolito e Impressão: Clichepar Ind. Gráfica
Fone: (041) 346-1444 - Curitiba

G E R A Ç Ã O D E I T A I P U				
SUPERINTENDÊNCIA DE OPERAÇÃO				
DEPARTAMENTO DE OPERAÇÃO DO SISTEMA OP.DT/OPS.DT/OPSP.DT				
DADOS DE GERAÇÃO DA ITAIPU				
PRODUÇÃO DE ENERGIA (MWh)	1998		1997	ACUMULADO HISTÓRICO (1984 A MAIO/98)
	NO MÊS DE MAIO	ACUM. ATÉ MAIO	TOTAL NO ANO	
GERADORES 50Hz	4.129.581	19.901.549	48.498.550	442.019.745
GERADORES 60Hz	3.385.324	15.832.620	40.738.451	284.085.596
TOTAL USINA	7.514.905	35.734.169	89.237.001	726.105.341
RECORDES DE GERAÇÃO				
GERADORES 50Hz	6.680 MWh/h em 28/11/96			
GERADORES 60Hz	5.617 MWh/h em 11/12/96			
TOTAL USINA	11.947 MWh/h em 02/07/96			

Nada muda, diz novo DGB

Altino Ventura Filho assumiu o cargo de diretor-geral brasileiro no dia 16 de junho, data em que os decretos de exoneração do ex-diretor, Euclides Scalco, e de sua nomeação, assinados pelo presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, foram publicados no Diário Oficial da União. Altino passou a acumular o novo cargo com o de diretor técnico executivo, que já ocupava desde 7 de janeiro do ano passado. Não houve solenidade de posse, pois Scalco estava em Brasília, já atuando como coordenador político da campanha de Fernando Henrique à reeleição a convite do próprio presidente.

O nome de Altino Ventura Filho foi indicado a Fernando Henrique por Scalco. Com 55 anos, o novo DGB é engenheiro eletricista pela Universidade Federal de Pernambuco, com especialização em Planejamento Energético no Japão e na França. Na Eletrobrás desde 1972 até ingressar na Itaipu, era assistente da Diretoria de Planejamento e Engenharia e secretário-executivo do Grupo Coordenador do Planejamento dos Sistemas Elétricos da Eletrobrás (GCPS). Altino ainda é administrador pela Universidade Federal de Pernambuco, Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro e Universidade de São Paulo.

Continuidade

O novo diretor-geral brasileiro afirmou que não fará alterações na diretoria e no restante de sua equipe de trabalho. Uma das prioridades na sua gestão será a instalação das duas novas unidades geradoras, processo que hoje está na fase de qualificação das empresas que vão participar da concorrência. No segundo semestre de 2001, disse Altino Ventura Filho, pelo menos uma das duas unidades estará operando.

Na fase de instalação dos equipamentos na usina, serão gerados cerca de mil empregos diretos em Itaipu, adiantou. Altino confirmou que o custo de instalação das duas unidades será de aproximadamente US\$ 200 milhões, o que representa US\$ 140 por quilowatt instalado, "provavelmente o custo mais baixo do mundo, em uma hidrelétrica", disse.

Dívida zerada

Altino Ventura Filho afirmou que a empresa hoje está numa situação financeira confortável. Itaipu arrecada anualmente em torno de US\$ 2,2 bilhões, suficientes para pagar os compromissos da dívida com a Eletrobrás (de US\$ 1,2 bilhão a US\$ 1,3 bilhão por ano), os royalties ao Brasil e ao Paraguai (US\$ 350 milhões anuais) e cobrir toda a despesa de custeio (US\$ 350 milhões), além de outras despesas, onde se inclui a implantação das novas



Altino Ventura Filho, na primeira coletiva, em 17 de junho: sem mudanças na equipe e continuidade ao trabalho de Scalco.

unidades.

O novo diretor-geral lembrou que a renegociação da dívida de Itaipu, conduzida por Euclides Scalco, permitirá à empresa chegar a 2023, quando expira o prazo do Tratado assinado com o Paraguai, com os débitos de sua construção totalmente quitados.

Altino Ventura Filho comentou ainda a interligação da energia das regiões Sul-Sudes-

te e Centro Oeste ao Norte-Nordeste. Quando houver a integração deste sistema ao do Norte-Nordeste, Itaipu continuará sendo a maior fonte de energia.

Permanecem como diretores João Bonifácio Cabral Júnior (Jurídico), Fabiano Braga Côrtes (Administrativo), José Luiz Dias (de Coordenação) e Romar Teixeira Nogueira (Financeiro Executivo).

Scalco deixa legado de obras



Uma das principais ações de Scalco: a assinatura do contrato histórico de renegociação da dívida de Itaipu, em setembro de 1997.

Euclides Scalco permaneceu durante pouco mais de 2 anos e 8 meses à frente de Itaipu, adotando um estilo próprio de administração que mudou interna e externamente a imagem da binacional. Vários problemas considerados insolúveis foram gradativamente equacionados por ele, ao mesmo tempo em que foi implementada uma série de novos projetos que deram um novo perfil à maior hidrelétrica do mundo.

Além da seriedade e eficiência no comando de Itaipu, Scalco deixa um legado de ações realizadas entre outubro de 1995 e junho de 1998. Entre elas:

- Equacionamento da dívida de Itaipu, de US\$ 16,2 bilhões, e que chegaria a US\$ 88 bilhões em 2023;
- Lançamento de licitação para a instalação de duas novas unidades geradoras;
- Redução do quadro de funcionários, de 2.158, em 1995, para 1.492, em junho de 98, na margem esquerda;
- Abertura do Hospital Costa Cavalcanti a pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS) e instalação de um pronto-socorro e de diversas clínicas;
- Pagamento em dia de royalties e quitação de

parcelas em atraso - somente na sua gestão, foram pagos mais de US\$ 478 milhões dos US\$ 728 milhões repassados desde 1991;

- Redução da frota de veículos leves, pesados e de transporte coletivo de 280 para 211;
- Conclusão das obras do Edifício de Produção;
- Quebra de recordes de geração, sendo que em 1997 a produção chegou a 89,2 bilhões de quilowatts-hora, número jamais alcançado por outra hidrelétrica no mundo;
- Pronta atuação da hidrelétrica no fornecimento de energia nos episódios das quedas de torres de Furnas, em novembro de 1997 e abril de 1998;
- Instalação de novo mirante na área da usina;
- Criação do Painel do Barrageiro, última obra do artista plástico paranaense Poty Lazzarotto;
- Criação do "Bosque do Trabalhador" na usina;
- Edição do "livro de Itaipu", com toda a história da empresa;
- Início de projeto de luz e som na hidrelétrica, a fim de ampliar as atrações turísticas da usina;
- Criação do Coral de Itaipu e lançamento do primeiro CD do grupo;
- Aquisição de uma área de 1.780 hectares para o reassentamento dos índios avá-guaranis;
- Aquisição de 1.454 novos microcomputadores Pentium;
- Convênio com a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) para cursos de pós-graduação em Informática;

- Lançamento de um CR-Rom e criação de homepage da empresa na Internet;
 - Cessão de área da Itaipu para a construção, pelo governo do Estado, do maior Canal de Migração de Peixes do mundo;
 - Investimento de US\$ 2,2 milhões em ações de proteção à fauna da região;
 - Instalação de uma nova recepção e do Espaço Cultural Prof. Miguel Reale no Edifício Parigot de Souza, em Curitiba, com a promoção de diversas exposições artísticas;
 - Participação com um estande da Itaipu, pela primeira vez, da 36ª Conferência Internacional do Cigré (Comitê Internacional de Grandes Barragens), em 1996, em Paris.
- Além disso, em sua gestão, Scalco recebeu o título de Cidadão Honorário dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu, e o **Jornal de Itaipu**, publicado pela Assessoria de Comunicação Social da empresa, conduzida pelo jornalista Helio Teixeira de Oliveira, conquistou, por dois anos consecutivos, o Prêmio Aberje de Melhor Jornal Interno do Brasil. A Itaipu ainda recebeu o Prêmio Paraná Ambiental, concedido pelo Governo do Paraná, ao trabalho de Educação Ambiental desenvolvido pelo CEAI e Ecomuseu, e o diploma "Empresa Amiga da Criança" pelo trabalho com adolescentes carentes através do Programa de Iniciação e Incentivo do Trabalho (PIIT), concedido pela Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança.

As unhas e garras da Itaipu

Itaipu tem um patrimônio muito valioso, mas que pouca gente conhece - valioso tanto em termos financeiros como genéticos. É o plantel de gatos selvagens, criados e reproduzidos em cativeiro no Refúgio Biológico Bela Vista. Para proteger este patrimônio, os pesquisadores da empresa e da organização não-governamental Mata Ciliar usam até a informática. Em cada animal, foi implantado um microchip. A marca eletrônica substitui as tatuagens e outras formas de identificação e já é usada em animais domésticos, nos países desenvolvidos.

A preocupação de marcar o plantel de Itaipu é por causa do contrabando de animais selvagens, que movimenta muito dinheiro em

todo o mundo, só perdendo para o tráfico de drogas e armas. As leis brasileiras só permitem a comercialização de animais silvestres que nasceram em cativeiro. Oficialmente, por exemplo, uma jaguatirica é vendida no exterior por US\$ 2.500, porém esse preço pode até duplicar no mercado negro, dependendo das condições físicas do animal.

SEM ADULTERAÇÃO

Depois da implantação dos chips, se algum felino da Itaipu for extraviado, por qualquer motivo, poderá ser encontrado com mais facilidade. "As tatuagens podem ser adulteradas, os microchips não", explica o veterinário Wanderlei de Moraes, de Itaipu. Cada microchip fornece um código de números e letras, que, acionado por uma espécie de scanner, passado sobre o pelo do animal, mostra num visor um código. Essa marca é mun-

dial. Os chips são fabricados na Alemanha e custam cerca de US\$ 15 cada.

"Com 33 animais de três espécies diferentes (gato-do-mato-pequeno, gato-maracajá e jaguatirica), Itaipu tem hoje o segundo maior plantel de gatos selvagens do Brasil, se não for o primeiro", afirma a veterinária Cristina Harumi Adania, da Mata Ciliar. No mês passado, Cristina e a estudante de veterinária Shirley Miti Nishiyama estiveram no Refúgio Bela Vista para implantar microchips em 29 gatos. Duas fêmeas não foram marcadas

porque poderiam ficar estressadas e matar seus filhotes. Minúsculo, o chip mede menos de um centímetro de comprimento por um milímetro de diâmetro. É implantado no animal com

uma seringa especial. "Esses microchips podem ser comparados ao número do chassi do automóvel" explica Cristina.

CHECK-UP

A implantação dos chips nos felinos foi apenas uma parte do trabalho que os pesquisadores realizaram em Foz, como parte do Plano de Manejo de Pequenos Felinos Brasileiros, desenvolvido com a participação de várias entidades ecológicas, zoológicos e universidades, com recursos do Fundo Nacional de Meio Ambiente.

Também foram coletadas amostras de sangue, pêlo e pele. O material foi analisado pelo Laboratório Ambiental da Itaipu, que realizou exames hematológicos, bioquímicos e parasitológicos. "Fizemos um check-up completo nos animais", explicou Cristina. Os felinos foram medidos e pesados.



Cada animal, depois de anestesiado, foi medido e pesado pelos pesquisadores.

Segundo Wanderlei, os exames revelaram que dois animais começavam a apresentar sintomas de doenças. "Um deles estava com início de anemia e o outro com algum tipo de infecção", afirmou. "Esses animais estão sendo tratados e devem se recuperar rapidamente". De acordo com Cristina, o plantel de felinos da Itaipu se destaca pelo bom estado de saú-

de dos animais. "Isso indica que eles têm recebido boa alimentação e vivem em instalações adequadas", conclui a veterinária. Outro aspecto que vem despertando o interesse dos pesquisadores da área é o sucesso alcançado na reprodução em cativeiro. Desde 1989 até hoje, cerca de 20 gatos do mato nasceram no Refúgio Bela Vista.

Quanto custa o bicho

Veja o valor oficial de alguns animais silvestres brasileiros vendidos no exterior. No mercado negro esse valor pode até duplicar:

Mico-leão	US\$ 5.000 a	US\$ 10.000
Mono-carvoeiro	US\$	5.000
Lobo Guará	US\$	3.400
Gato-palheiro	US\$	3.000
Jaguatirica	US\$	2.500
Macaco aranha	US\$	2.400
Gato-do-mato-pequeno	US\$	500
Gato-maracajá	US\$	500

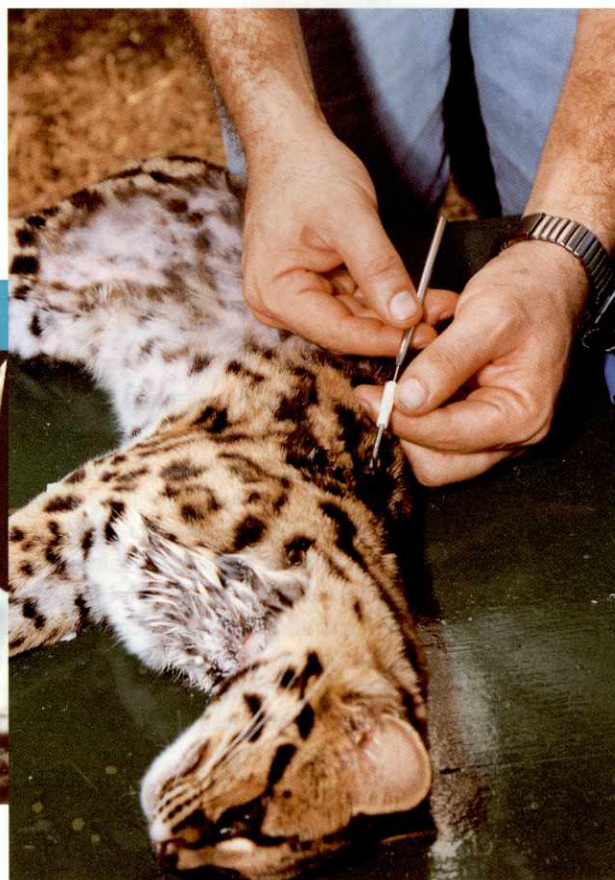
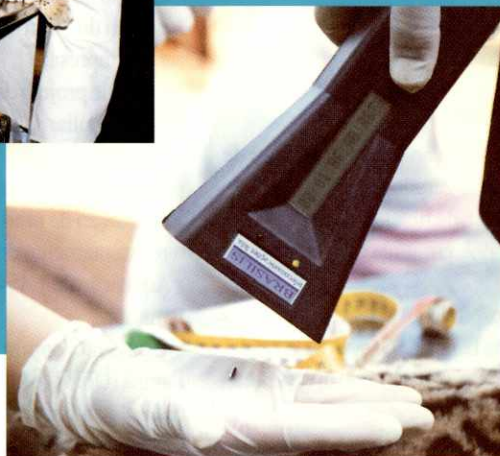
(Fonte: Zoológico de São Paulo)

Cristina Harumi Adania, Wanderlei de Moraes e Shirley Miti Nishiyama.

Os pesquisadores também fizeram um check-up nos animais.



O scanner faz a leitura dos dados do microchip. O pequeno equipamento foi implantado sob a pele de cada felino.



História/Aventura

Os caçadores da pedra que canta

O trabalho de campo em Itaipu, desde o início da construção da usina, está cheio de histórias fantásticas. Algumas, como a do engenheiro hidráulico Corrado Piassentin, chegam perto das façanhas do personagem do diretor de cinema Steven Spielberg, o arqueólogo Indiana Jones. Piassentin fez parte do grupo do consórcio ítalo-americano Ieco-Elc, responsável pelo projeto da hidrelétrica, e foi um dos primeiros desbravadores da região, embrenhando-se pela mata em busca de jazidas de areia e cascalho em quantidade suficientes para construir a usina.

Corrado nasceu na Itália. Formou-se em engenharia hidráulica pela Universidade de Pádua, em 1968, e logo depois foi trabalhar na Etiópia. Nesse país, passou por um dos maiores sustos de sua vida. Foi raptado por um etíope, que pretendia exigir um resgate. “Mas eu não valia muito e, com a ajuda do motorista da empresa em que trabalhava, fui libertado”, conta o italiano, divertindo-se. Depois do susto, veio para o Brasil. Trabalhou um ano no Rio Grande do Sul e em 1971 foi contratado pela Ieco-Elc para participar do estudo de viabilidade da usina, a pedido do Comitê Brasileiro-Paraguaio que analisava o aproveitamento hidráulico do Rio Paraná. No começo, o trabalho de campo em busca dos aglomerados (areia e cascalho) foi relativamente fácil.

Tapuyetê

Corrado lembra que esse trabalho foi feito desde Guaíra até Foz do Iguaçu. Nesse trecho, as pesquisas de campo apontaram 50 locais onde a barragem poderia ser construída. “Dos 50 locais, foram escolhidos dois: Itaipu e Santa Maria, que ficava nas proximidades de Porto Mendes”, diz. “Itaipu era uma pequena ilha de pedra, também conhecida como Tapuyetê”. A ilha foi escolhida porque tinha a configuração mais favorável em termos de topografia e geologia.

Por essa época, Corrado foi designado, junto com o geólogo italiano Luigi Miraglia, para descobrir fontes de cascalho e areia no Rio Carapá, um afluente da margem direita do Rio Paraná. Junto com um guia, chamado Almiron, eles começaram a expedição subindo o rio por terra até onde as estradas da época permitiam.

Chegaram a uns 70 quilômetros de distância do Rio Paraná, colocaram mantimentos num pequeno barco a remo e se lançaram rio abaixo para localizar novas jazidas de aglomerados, sem levar qualquer tipo de equipamento de comunicação. Porém, como nos tempos dos exploradores, não esqueceram revólveres e espingarda.

Perdidos no mato

As únicas informações que tinham sobre o Rio Carapá eram fotografias aéreas. “As fotos mostravam que havia poucas cachoeiras, mas a realidade era bem diferente e isso atrasou a viagem”, diz Corrado. Eles começaram a encontrar cachoeiras muito próximas umas das outras, em distâncias que variavam entre 5 e 10 quilômetros. “Toda vez que encontrávamos uma queda, tínhamos de aportar, abrir uma picada e carregar o barco até a parte de baixo da cachoeira”, conta.

Por causa desse transtorno, a expedição, prevista para terminar em 10 dias, demorou mais de um mês. Depois do décimo dia, os colegas da empresa, em Foz, começaram a se preocupar. Um avião foi enviado para fazer um reconhecimento do local. “Nós víamos o aviãozinho passar, mas era só. Não podíamos fazer nada, a não ser remar mais rápido para chegar logo. O piloto não podia nos ver por causa da mata muito fechada”.

Fome e mosquitos

Os mantimentos foram acabando e eles passaram a caçar aves e pescar. Comiam, basicamente, farinha de mandioca e amendoim. Corrado conta que sobrava pouco tempo para caçar ou pescar, porque eles não queriam perder tempo. Todas as noites tinham que montar o acampamento. As redes de dormir ficavam suspensas em troncos de árvores para evitar cobras e outros bichos.

“Pior do que os acampamentos, eram as raras cabanas de caçadores que encontrávamos pelo caminho. Estavam infestadas de pulgas e carapatos. Não dava para ficar”, recorda. Durante todo o tempo, os três tiveram que lutar bravamente contra os mosquitos e borrachudos que atacavam ao entardecer.

Festa do palmito

No dia em que eles chegaram ao Rio Paraná, estavam alguns quilos mais magros. A primeira coisa que viram foi uma fábrica de beneficiamento de palmito. Ali se refestelaram. “Nunca comi tanto palmito na minha vida”, diz Corrado. Como acontece em filme de Hollywood, a aventura terminou em happy-end: os dois chegaram são e salvos. “Os colegas nos contaram que nessa região do Rio Carapá existiam índios da tribo Guayaki, que tinham fama de ser canibais. Felizmente, não vimos nenhum deles”, ri o desbravador.

Grças aos dados levantados por expedições como essas, foi possível definir o local mais apropriado para a construção da maior hidrelétrica do mundo. Hoje, Piassentin deixou o trabalho de campo. Mora no Rio de Janeiro e, pela sua experiência, está prestando consultoria para Itaipu por intermédio da Ieco-Elc. “Sou o último dos moicanos”.

Uma pequena ilha de pedra, Tapuyetê, foi a escolhida pelos especialistas

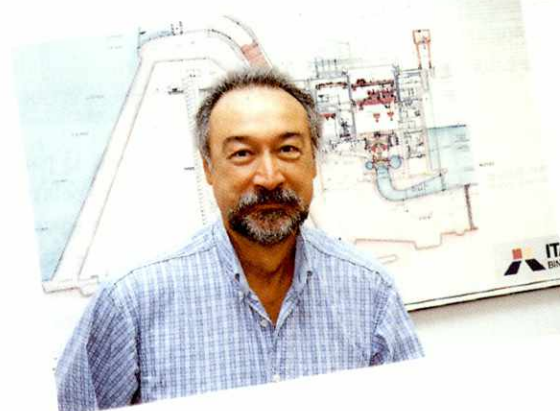
Torre de prospecção, instalada em 1971 sobre Tapuyetê (ou Itaipu): pesquisas sobre o rio e o solo.



No meio do Rio Paraná, a pequena ilha: sobre ela, está instalada hoje a maior hidrelétrica do mundo.



Fotografados por Luigi Miraglia, o guia Almiron e Corrado Piassentin, nas explorações no Rio Carapá.



Corrado, hoje, mora no Rio de Janeiro e presta consultoria à Itaipu através da Ieco-Elc.

O “homem da operação”

Depois de 18 anos, José Pereira do Nascimento se despede de Itaipu. Homenageado pelos amigos e colegas, respeitado pelo trabalho que desenvolveu ao longo de todo esse tempo, Nascimento sai da empresa, mas sem se afastar muito dela. Ele e a esposa decidiram ficar morando em Foz do Iguaçu e Nascimento já se inscreveu até para um curso de 14 meses na Unioeste, de Especialização em Excelência no Serviço Público.

Nascimento, gerente da Divisão de Operação da Usina e Subestações até 30 de abril (no seu lugar ficou o engenheiro Solon Magno Ferreira da Silva), já tinha 14 anos de experiência no setor elétrico quando chegou a Itaipu, em 1980, junto com especialistas de outras usinas de Furnas, Cesp e Eletrosul, para deixar tudo pronto para a operação das unidades geradoras (a primeira entrou em funcionamento no ano seguinte).

Nascimento aponta dois aspectos fundamentais, que diferenciavam Itaipu de outros empreendimentos hidrelétricos no mundo: o primeiro, seu gigantismo; o segundo, a binacionalidade. Por isso mesmo, os parâmetros de usinas em operação poderiam não valer para Itaipu.

Como não fazer

Nascimento cita um exemplo para mostrar como

passou a ser sua missão em Itaipu. Quando era supervisor de uma usina, bem antes de vir para Foz, ele chegou para o plantão, às 22h30, numa noite de chuva, e percebeu que não havia o suprimento auxiliar de energia. Isto é, a usina funcionava normalmente, mas o trabalho era feito no

nomia para os atos. Em qualquer caso, mesmo para problemas pessoais, o telefone da casa de Nascimento estava 24 horas à disposição dos homens da operação. “Estávamos disponíveis o tempo todo”, disse. “A despeito do salário, da empresa grandiosa, de todo o preparo para a fun-

(Minas Gerais); ela é formada pela Faculdade de Engenharia Mecânica da Universidade Federal de Santa Catarina.

“Eu contesto quem diz que a família vem em primeiro lugar. Para mim, a família é extremamente importante, mas é preciso lembrar que sobrevive com o ganho que vem da empresa. Por isso, a empresa vem em primeiro lugar”, polemiza Nascimento. Ele conta que, quando sua única irmã casou, convidou-o para ser padrinho. Mas, como havia prioridades monumentais na usina, não pôde ir. “Me penalizo por isso, mas era a única condição possível”, disse.

Gente famosa

Da usina, leva só boas lembranças e muitos amigos. E, numa pequena concessão à vaidade, guarda com carinho fotos que o mostram ao lado de autoridades e personalidades do mundo inteiro, de Pelé ao primeiro-ministro chinês, do presidente do Paraguai ao cartunista Ziraldo, do ministro Sérgio Motta (que morreu em abril) à atriz Regina Casé, para ficar em alguns poucos, mas expressivos exemplos.

Para concluir, Nascimento afirma ter certeza de que, sob a liderança dos engenheiros Marcos Lefèvre e Solon, a área em que atuou na empresa sempre corresponderá às expectativas e se manterá à frente dos padrões internacionais.



Com o falecido ministro das Telecomunicações, Sérgio Motta.

escuro. Pior que isso: sem energia, não era acionado um gerador, com cuja energia era feita a drenagem da barragem. Havia, portanto, risco de comprometimento da usina. Ligou para o gerente e este lhe disse, mais ou menos, que fizesse o que era preciso. Quase em desespero, Nascimento começou a rezar e buscar uma solução. Acabou encontrando um funcionário da obra, em hora de descanso, que sugeriu uma forma de bombear água da enxurrada. A reza e o jeitinho deram certo. Mas não era isso que Nascimento queria para Itaipu.

“Os especialistas”

A operação em tempo real de Itaipu foi preparada por ele com “superzele”, lembra, utilizando os equipamentos necessários para ter segurança na hora de agir e auto-

ção, os homens da operação precisam saber que têm apoio externo da gerência, para se garantir em emergências”, completou.

Sobre o pessoal da operação, Nascimento anotou uma frase de seu sucessor, Solon Magno Ferreira da Silva, na transferência de cargo: “Itaipu não tem operadores, tem especialistas”.

Primeiro, a empresa

Mas e a vida pessoal, como ficou nesses anos todos de setor elétrico e, em especial, de Itaipu? Quando veio para Foz, com a esposa Ana Maria Antloga, os dois filhos do casal eram crianças. Tendo seu tempo dedicado integralmente à usina, cabia a Ana Maria zelar pelo dia-a-dia familiar. Hoje, os filhos, José Guilherme e Andréia estão casados. Ele é engenheiro da Aneel (a agência nacional que cuida do setor elétrico), formado pela Escola Federal de Engenharia de Itajubá



O presidente paraguaio foi um dos visitantes que ele recebeu.



Na primeira visita da nova diretoria de Itaipu, em 1995, Nascimento deu todas as informações solicitadas.

Uma homenagem diferente

Depois de exatos 19 anos e três meses de eficiente trabalho na área de sismologia, o técnico especializado José Ribeiro Lima se aposenta. Além da tradicional homenagem dos amigos, no final de maio Ribeiro recebeu a visita do chefe do Observatório Sismológico da Universidade de Brasília, professor Lucas Vieira Barros.

“Com a saída de Ribeiro, Itaipu perde um dos cinco técnicos brasileiros especializados em manutenção de equipamento sismológico. Vim para me despedir deste raro profissional e treinar os técnicos que o substituirão, fazendo também uma inspeção na rede sismográfica da Itaipu”, informou o professor da Universidade de Brasília. O pernambucano José Ribeiro Lima é formado em eletrônica pela Marinha do Brasil, com

curso de sismologia pela Universidade de Brasília. “Sempre agradeço a Deus por ter vindo para Itaipu. Minha intenção, quando saí da unidade de porta-aviões da Marinha, no Rio de Janeiro, era ir para os Estados Unidos, mas felizmente fui chamado, em 1976, para trabalhar no perfil geológico de Itaipu, na descoberta de jazidas de areia”, conta Ribeiro.

Como técnico, Ribeiro já visitou 35 países. Em Itaipu, foi um dos responsáveis pela montagem das redes linográfica e sismológica, que funciona há 19 anos. O sistema de Itaipu é avaliado pela Universidade de Brasília, que aproveita 99% dos dados fornecidos, e faz parte da Rede Mundial de Sismologia, controlada pelas Nações Unidas.

Com orgulho, Ribeiro contou que, para a sele-

ção do seu substituto, haverá um concurso interno. O técnico selecionado passará por um treinamento dado pelo próprio Ribeiro. “Não adianta esconder nada, se Deus me deu esta graça de aprender tanto nesta empresa, quero deixar esta dádiva para os meus colegas. Saio com a sensação de perda de um filho que criei: a sismologia de Itaipu”, comentou, emocionado.



Na foto, Ribeiro (à direita) treina o auxiliar técnico João Francisco Batista. Sentado, o professor Lucas Vieira Barros.

24 anos de Itaipu

Memória verde para futuras gerações



O aniversário de 24 anos de Itaipu teve dois destaques especiais: no dia 20 de maio, foi inaugurado o Bosque do Trabalhador, na área do Mirante Central, e lançado o primeiro CD do coral, com homenagem a todos os funcionários. O bosque foi inaugurado com o plantio de árvores por 342 empregados que estavam completando, até a data, entre 15 e 24 anos de empresa.

Hoje, o empregado mais antigo em atividade é Valério Gomes Barradas, que começou a trabalhar no escritório da empresa, no Rio de Janeiro, em 1º de junho de 1974, como office-boy. Ele passou pelo escritório de Curitiba e há dez

anos é assistente técnico da Superintendência de Engenharia, em Foz. Em discurso, Valério disse que, quando entrou na empresa, jamais imaginou que, um dia, seria o funcionário mais antigo em operação. Contou que viveu todas as fases da usina, inclusive o recorde histórico de produção, no ano passado, "o qual ainda iremos superar nos próximos anos". Antes de todos se distribuírem pela área do futuro bosque, para plantar as mudas de árvores nativas, houve discursos em que a importância do papel de cada empregado, tanto hoje como no período das obras, foi destacada pelos diretores.

"RESPEITO E ADMIRAÇÃO"

Para o diretor-geral brasileiro, Euclides Scalco, a criação do bosque representa "o respeito e a admiração daqueles que dirigiram e dirigem Itaipu por aqueles que fizeram de Itaipu uma realidade". Além de Scalco, toda a diretoria prestigiou a solenidade: o diretor jurídico, João

Bonifácio Cabral; o diretor técnico-executivo, Altino Ventura Filho; o diretor administrativo, Fabiano Braga Côrtes; o diretor financeiro, Romar Teixeira Nogueira; e o diretor de Coordenação, José Luiz Dias.

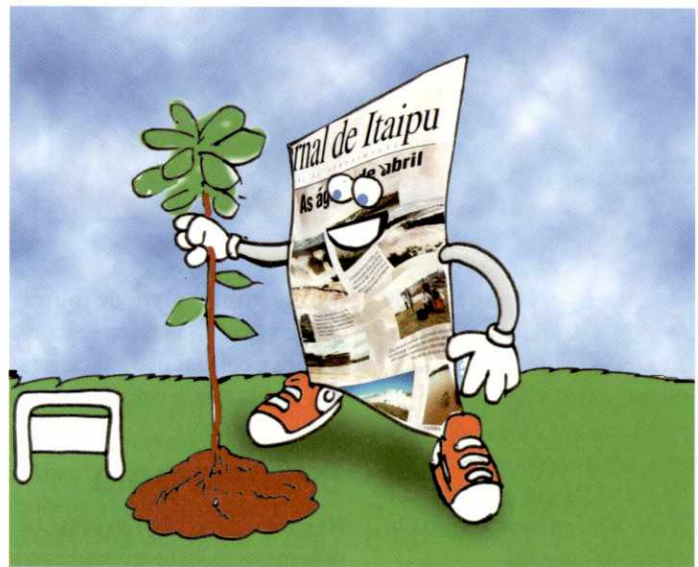
Em seu discurso, José Luiz Dias disse que "sempre ouvimos falar sobre a grandiosidade de Itaipu, esta obra magnífica, mas poucas vezes tivemos o privilégio e a honra de falar daqueles que a fizeram". E concluiu: "Deus criou o homem forte e fraco. Forte quando une suas forças, fraco quando cada um procura fazer à sua maneira. Itaipu é a expressão da força do homem".

O BOSQUE

Em 1993, os engenheiros Alexandre Machado, superintendente de Engenharia, e Marcos Lefèvre, superintendente de Operação, tiveram a idéia de criar o "Bosque dos Funcionários", para homenagear o pessoal da casa, inspirando-se no Bosque dos Visitantes, que existe próximo ao Centro de Recepção de Visitantes. Como explicou Lefèvre, o objetivo é que, quando familiares do funcionário, daqui a muitos anos, visitarem a usina, encontrem no bosque a árvore que ele plantou, ao lado de uma placa registrando a presença e participação daquele trabalhador na maior hidrelétrica do mundo.

Em seu discurso aos funcionários que fizeram o plantio, no dia 20, Euclides Scalco lembrou que, enquanto o Bosque dos Visitantes, destinado a

autoridades e personalidades, "está fora do canteiro, o de vocês está na base dessa hidrelétrica". A partir daquela data, ao completar dez anos de casa, todo funcionário terá direito ao plantio de uma muda no Bosque do Trabalhador.



Scalco: "O Bosque do Trabalhador está na base dessa hidrelétrica".



Alexandre Machado (acima) e Marcos Lefèvre, os idealizadores do bosque.



Rumo ao bosque: cada homenageado se dirige ao local onde estão a placa e a árvore que irá plantar.



Vilmar Bonzon, Jair Martelo e José Sato Ribeiro descerraram a placa do Bosque do Trabalhador

Valério Gomes Barradas: do início das obras civis ao recorde de 1997.



Coral lança CD na festa

O Coral de Itaipu – 93 integrantes, 59 de Foz e 34 de Curitiba – lançou no dia 20, numa festa no Floresta Clube, o seu primeiro CD, dentro da comemoração dos 24 anos de Itaipu e numa homenagem especial aos empregados. No dia 21, houve um repique: o CD foi lançado com uma apresentação do Coral aberta à comunidade em geral.

Criado em setembro de 1996, o coral teve total apoio da diretoria da empresa. “O que seria da vida se não fosse o canto para afastar a solidão do silêncio?”, filosofou o diretor-geral brasileiro, Euclides Scalco, ao justificar o total apoio ao coral, em rápido discurso na noite do dia 20. “Nada melhor para representar a Itaipu Binacional do que este coral com quase cem vozes”, disse ainda o DGB.

Revelação e elogio

E Scalco aproveitou o momento de festa para fazer uma revelação emocionante: “Em lugar nenhum me senti melhor e mais me realizei do que com vocês, aqui em Itaipu”. E prosseguiu: “Com essa diretoria, capaz e objetiva, estamos podendo corresponder à confiança do presidente da República, para garantir que a empresa sustente o progresso dessa nação”. Scalco disse que a atual diretoria pôde fazer muitas realizações. E “não só materiais, mas de cultura, como esse coral maravilhoso, que deve continuar a cantar para alegrar a vida”. Ao encerrar, Scalco fez um elogio à Comunicação Social, e em especial ao superintendente Helio Teixeira. O superintendente seria no

dia seguinte alvo de outra homenagem especial e, mais tarde, confessaria aos amigos e colegas que nunca, na sua vida, tinha vivido tantas emoções em tão curto período de tempo.

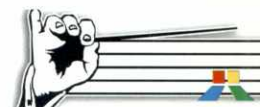
Diploma e pin

Na mesma noite, além do jantar, os funcionários homenageados (que completavam entre 15 a 24 anos de casa) receberam um diploma e um pin de ouro, com o logotipo da empresa. Cada diretor entregou o diploma e o pin aos cinco funcionários mais antigos de cada área. Os demais receberam das mãos de seus superintendentes.

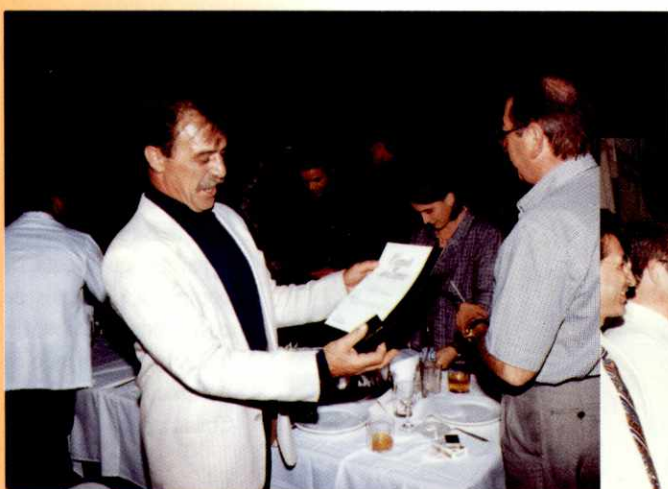
A noite terminou com “parabéns a você”. Numa festa-surpresa, Nilo Sérgio Gomes, Francisco Pereira da Silva e Valmir Ricardo da Silva foram chamados para repartir um bolo: os três comemoravam anos na mesma data em que Itaipu completou o seu 24º aniversário. Mas, como no dia da festa havia uma aniversariante presente, Maria da Glória Soares de Oliveira, ela também foi chamada. Maria da Glória, por coincidência, cumpria seu último dia de Itaipu. O que seria uma despedida triste, virou também uma festa. Quem também se despedia de Itaipu, nesse dia, era o capitão Roberto Henrique Hebling, da Segurança Empresarial. Ele trabalhou durante 23 anos e meio, sendo um dos responsáveis pela montagem do sistema de segurança. Roberto Henrique veio de Brasília para Foz a convite do então diretor-geral, general Costa Cavalcanti.



O coral fez uma apresentação especial de 15 anos



O que não faltou no jantar foi animação. A confraternização varou a noite.



Nestor Gambini, orgulhoso com o diploma de “Campeão de Energia”.



O diretor-geral brasileiro entregou o CD ao regente de Foz e preparador vocal do Coral de Itaipu, Jocimar José da Silva.



Nilo Sérgio Gomes e Maria da Glória de Oliveira: os aniversariantes cortam o bolo.



Capitão Roberto: despedida e homenagem.

sta aos empregados

E bate até ibope da novela

Como notou um observador, no dia 21 o coral "competiu" com o penúltimo capítulo da novela global "Por Amor". E, ao menos no Floresta Clube, bateu o ibope da novela: o clube lotou. E quem foi ao clube, com certeza não se arrependeu de ter trocado a novela por um espetáculo onde o coral fez, talvez, a mais brilhante apresentação de sua carreira. O show incluiu luzes especiais e a apresentação de um casal de dançarinos – o professor de dança Marcelo Pereira e a modelo Lucimara Toledo Machovski, ambos de Foz (ela foi miss da cidade).

Os momentos mais marcantes da noite: a homenagem a Helio Teixeira, o "Amigo do Coral", que ficou tão sensibilizado que mal conseguiu agradecer; a homenagem dos coralistas aos familiares, quando todos desceram do palco para entregar flores à família e amigos pela compreensão por muitas vezes terem se ausentado para participar de ensaios; os solos de Maria Auxiliadora Alves dos Santos, em "Gente Humilde", e de João Carlos Braga, em "Let it be"; o tributo dos regentes, Jocimar José da Silva e Ariel da Silveira, aos integrantes do coral.

Doses de emoção

E o "fecho de ouro": a última música da noite, "Amigos para sempre", cantada à luz de

lanterninhas que os coralistas seguravam. À explosão de aplausos sucedeu-se uma explosão dos balões que decoravam o clube, fechando a noite com alegria geral.

O CD do Coral de Itaipu foi entregue a cada funcionário. O CD foi também distribuído para toda a imprensa dos municípios lindeiros e também de Curitiba, por se tratar de mais um produto cultural – de excelente qualidade – patrocinado por Itaipu.

Em "34 minutos de emoção", o coral mostra no CD seu talento em 12 grandes momentos da Música Popular Brasileira, como "Canção da América" (Milton Nascimento e Fernando Brant), "Gente humilde" (Vinicius de Moraes, Chico Buarque de Hollanda e Garoto) e "Viola enluarada" (Marcos e Paulo Sérgio Valle), entre outras, e da música internacional, como "Let it be" e "Michelle", dos Beatles, e "Canção Paraguaya", de Demétrio Ortiz.

Além dos coralistas, o disco teve a participação dos regentes Ariel Silveira e Jocimar José da Silva e das tecladistas Ellen Paula e Valéria Nunes. Com o CD de Itaipu, o maestro Jocimar já participou de 20 discos.



al para os empregados com mais de casa.



O casal de dançarinos no palco: um espetáculo visual.



Os regentes Ariel da Silveira e Jocimar José da Silva e as tecladistas Ellen Paula e Valéria Nunes cantam, em homenagem ao coral.



Na canção "Viola enluarada", a poesia contrapõe ao lirismo a necessidade de estar pronto para "a guerra", qualquer que seja a batalha.



Apoteose: depois dos aplausos, a explosão dos balões.



Coração nas vozes: para um público atento, "Sapato velho" ganha novos tons.



de Itaipu no dia da

Turismo na usina

Revistas e folders com mais informações



Os impressos foram publicados em vários idiomas.

Já estão sendo distribuídos os novos materiais gráficos de divulgação da Itaipu. São revistas e folders sobre a empresa e suas ações ambientais para distribuição a turistas, autoridades, pesquisadores e técnicos, o novo “bizuário” e ainda o Relatório Anual da empresa referente a 1997. O projeto gráfico das publicações, todas coloridas, foi elaborado pelo publicitário Saulo Kozel.

Os visitantes receberão revistas e folders com o título “Itaipu Binacional – Mais energia para o Brasil”. Com 16 páginas, a revista foi publicada em cinco idiomas – português, inglês, espanhol, francês e alemão.

EM VÁRIOS IDIOMAS

A publicação traz um histórico da criação da entidade binacional e seus aspectos jurídicos e diplomáticos, informações técnicas sobre as várias etapas da construção da hidrelétrica, a previsão de instalação das duas novas unidades geradoras em 2001, a importância de Itaipu no fornecimento de energia para o Brasil e Paraguai e uma comparação entre suas dimensões e as das maiores hidrelétricas do mundo. Além disso, mostra a usina como atração turística e as ações ambientais desenvolvidas pela empresa, que a colocam entre as mais preocupadas do País com o meio ambiente.

As mesmas informações compõem, de forma sintética, os folders para larga distribuição entre os turistas que chegam diariamente ao Centro de Recepção de Visitantes. O folheto foi publicado em italiano, português, inglês, espa-

nhol, francês e alemão e também será traduzido para o japonês, para atender ao crescente número de turistas dessa nacionalidade que querem conhecer a usina.

MEIO AMBIENTE

Nos idiomas português, inglês e espanhol, também está sendo distribuída a revista “Itaipu e o Meio Ambiente” sobre as ações da empresa nas diversas frentes de atuação na área ambiental. Com o subtítulo “Desenvolvimento com respeito pela natureza”, a revista mostra os trabalhos realizados junto à comunidade lindeira ao reservatório, com destaque para a educação ambiental e a importância do Ecomuseu. Também são retratados os trabalhos de preservação da fauna da região e das espécies aquáticas e a preocupação com a manutenção da Faixa de Proteção, com as diversas etapas de estudos e preparação para o reflorestamento da área em torno do reservatório.

Folders em português sobre esses temas também estão chegando às mãos de visitantes e interessados em geral. Versões em inglês e espanhol estão sendo preparadas.

Outra publicação a ser distribuída em breve em português e inglês é o chamado “bizuário”, com as mais importantes informações da área técnica.

RELATÓRIO ANUAL

Pela primeira vez na história de Itaipu, o Relatório Anual da empresa foi publicado poucos meses depois do fechamento do balanço do ano anterior. Já na segunda quinzena de maio, o Relatório Anual de 1997 – em português e espanhol e contendo o encarte “Demonstrações Contábeis” – começou a ser distribuído.

Pela primeira vez na história, o Relatório Anual sai pouco meses após o balanço ser fechado

CRV será ampliado

A partir do ano que vem, os turistas serão recebidos com maior conforto na Itaipu. O Centro de Recepção de Visitantes (CRV) do lado brasileiro será ampliado e ganhará um novo auditório com 380 lugares, uma lanchonete e uma loja de souvenirs maior que a atual, mantida pela Assemib. O auditório utilizado atualmente também passará por reformas, aumentando de 223 para 300 o número de poltronas. “A ampliação do CRV faz parte da política da diretoria de investir no turismo”, diz o superintendente de Comunicação Social, Helio Teixeira.

Novas instalações

O novo auditório, loja e lanchonete deverão ocupar uma área de aproximadamente 1.080 metros quadrados. As novas instalações serão construídas nos fundos do atual CRV, no local onde estacionam os ônibus de turismo, que serão remanejados para o estacionamento lateral contíguo.

Segundo a gerente de Serviços Gerais em Curitiba, Luciana Carneiro Lobo, optou-se pelo local para facilitar o fluxo dos turistas, que

chegam ao prédio, assistem o filme e, ao sair, passam pela loja de souvenirs e lanchonete, dirigindo-se para o estacionamento. “Neste caso, eles nem precisariam entrar no prédio existente, quando o auditório estiver sendo usado para palestras internas”, explica. Em outras ocasiões poderão ser usados os dois auditórios, especialmente quando é preciso separar grupos de turistas por idioma.

Lanchonete e loja

O novo auditório ocupará área de 470 metros quadrados. Serão 270 lugares na platéia e 110 poltronas no balcão. O local será aparelhado com cabine de projeção, bilheteria, palco para palestras, sistema de ar condicionado, equipamento de som e luzes e acabamento acústico. Além disso, contará com um moderno sistema de tradução simultânea para oferecer maior variedade de idiomas aos visitantes.

A lanchonete terá 100 lugares distribuídos no piso inferior e no mezanino e ocupará uma área de 150 metros quadrados. A loja de souvenirs terá 60 metros quadrados, com balcão de atendimento, caixa, vitrines e depósito.

No filme, “a nova Itaipu”



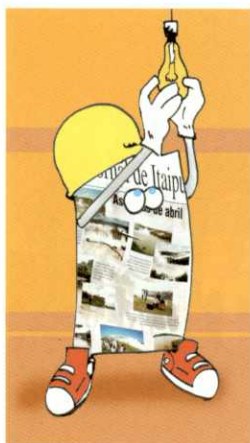
O novo prédio será construído no local onde fica o estacionamento dos ônibus de turismo.

O filme “A Nova Itaipu”, que aborda os fatos mais relevantes que aconteceram na usina nos últimos meses, começou a ser exibido para os turistas, no Centro de Recepção de Visitantes. Com duração de sete minutos, “A Nova Itaipu” é apresentado antes do filme “Geração Energia”, produzido em 1995.

O novo filme enfoca, principalmente, o recorde de produção de energia de 1997, a instalação de mais duas unidades geradoras previstas para 2001, o equacionamento da dívida de

Itaipu e as novas opções de turismo. Mostra imagens inéditas de um dos berços das novas máquinas e uma animação computadorizada que dá idéia de como ficará a usina, quando receber a iluminação especial.

Numa próxima etapa, os filmes serão editados para formar um só, com duração aproximada de 12 minutos. A idéia é fazer uma edição que permita atualizar as informações com mais frequência e rapidez. Isso é necessário porque o dia a dia na usina é muito dinâmico e as informações perdem a validade rapidamente.



Troca de lâmpadas

Das alturas às “sinistras” galerias sob o rio

Trocar lâmpada é tarefa fácil. Basta desrosquear a queimada e colocar uma nova no lugar. Bom, depende do lugar. Em Itaipu, tudo o que parece fácil quase sempre tem um complicador: o gigantismo da usina faz do simples uma tarefa que exige no mínimo um esforço a mais. Não é muita gente que teria, por exemplo, coragem de trocar a lâmpada do poste da crista da barragem, a quase 100 metros do chão. E muitos, por causa da vertigem, não se atreariam a ficar sobre o poste no alto do vertedouro. De lá, o movimento frenético das águas dá a nítida impressão de que elas podem arrastar o observador.

É claro que o risco não existe. Os funcionários que fazem esse trabalho usam equipamentos de segurança, que incluem cintos, botas de borracha e tudo o que é necessário para evitar uma queda ou um choque elétrico. A

troca de lâmpadas é uma das funções da MEG-3, uma das áreas da Divisão de Manutenção de Equipamentos de Geração da Superintendência de Manutenção.

Na usina, existem nada menos que 72 mil lâmpadas dos mais variados tipos. Razões operacionais exigem que a grande maioria das lâmpadas permaneçam acesas continuamente. Por mês, são trocados, em média, 250 reatores e duas mil lâmpadas. Para isso, exige-se um planejamento criterioso, um trabalho contínuo e um perfeito conhecimento de todas as instalações da usina, para manter o padrão de iluminação requerido.

Equipamento especial

Acompanhando uma equipe da MEG-3, é possível verificar o grau de dificuldade que o pessoal enfrenta na tarefa. Começamos pela cota 108, onde está a galeria dos transformadores de tensão. Para ter acesso às lâmpadas que iluminam cada transformador, somente usando o caminhão equipado com o hidrabasket, um braço mecânico em cuja ponta ficam dois cestos. O motorista e operador do equipamento é José Francisco Ferreira da Silva, o “Kim”.

José Francisco tem 17 anos e meio de usina e trabalha com o caminhão desde 1985. Com 13



Na cota 56, sensação de solidão no gigantismo da galeria.



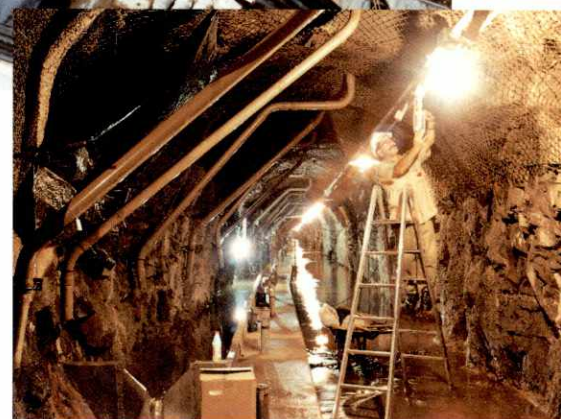
Na galeria dos transformadores: acesso às lâmpadas com o hidrabasket.



José Francisco Ferreira da Silva, o Kim: o cuidadoso operador da hidrabasket.



Elizio Pereira da Silva sobre o vertedouro: para algumas pessoas, sensação de vertigem.



José Francisco da Silva na galeria de drenagem da cota 56: local precisa estar sempre pronto para receber os técnicos que verificam os instrumentos.

anos, o Mercedes Benz rodou apenas 37.500 km e está tão bem conservado que, apesar do tempo de uso, “nem precisou vir um caminhão novo”, diz José Francisco, enquanto aciona o equipamento para levantar os dois colegas até o alto da sala de um dos transformadores da Unidade 16, que no dia 26 de maio estava parada para manutenção.

“Caixas e caixas”

Nos cestos estavam Elizio Pereira da Silva, 17 anos de usina, e um quase homônimo do operador do hidrabasket - José Francisco da Silva, 15 anos de casa e nove de Manutenção. Os dois já perderam a conta de quantas lâmpadas trocaram - “caixas e mais caixas” - e garantem que não têm medo nem de lugar alto nem de locais que parecem sinistros, como as galerias abaixo do leito do rio.

Depois da cota 108, uma passada no “poste da vertigem”, sobre o vertedouro, e depois, já na sequência, o meio da barragem, também na cota 224. Do alto do poste até o chão são mais de 100 metros de altura. Mas a vista é espetacular: além de toda a área da usina, vê-se de um lado uma vasta extensão do reservatório; de frente, os prédios de Foz do Iguaçu e de Ciudad del Este, que à distância parecem ainda mais próximas uma da outra.

Abaixo do rio

Para a próxima troca, o caminhão já não é mais necessário. Enquanto José Francisco leva-o de volta ao setor de Transportes, os dois colegas descem pelos elevadores novamente à cota 108. Ali, desta vez com a ajuda da plataforma suspensa e da ponte rolante, é possível trocar a lâmpada do teto da galeria, a 15 metros do chão. Mas chega de altura. José Francisco da Silva e Elizio Pereira da Silva vão agora à cota 56, para trocar a lâmpada de uma das pequenas galerias. A idéia era descer à cota 20, abaixo do antigo leito do Rio Paraná (que fica na cota 40), mas não foi possível: a escada de acesso está sendo reformada e o local está interditado. Ali estão as galerias de drenagem, onde ficam os instrumentos que medem as infiltrações e o comportamento da água e do concreto, para garantir a segurança da maior hidrelétrica do mundo. Mas isso é um bom tema para uma próxima reportagem.



Sabe-se lá porque, o anedotário popular é rico no tema “troca de lâmpada”. Alguns exemplos mais conhecidos:

- Seriam necessários quantos portugueses para trocar uma lâmpada?
- Cinco. Um para segurar a lâmpada e quatro para girarem a mesa.
- E quantos brasileiros?
- Um só. Mas com uns 30 em volta dando palpite...

A lâmpada do humor

- E quantos gorilas são necessários para trocar uma lâmpada?
- Só um gorila. Mas tem que ter umas 70 lâmpadas.
- E quantos japoneses?
- Um, e bem pequenininho. Mas com uma escada DESTE tamanho...



40 t de lixo

Embalagens de agrotóxicos são recicladas

Depois de exatamente dois anos de coleta, 40 toneladas de embalagens plásticas de agrotóxicos, acumuladas no Barracão de Triagem de Santa Terezinha de Itaipu, foram embarcadas em carretas. O material foi vendido a uma empresa de São Paulo, que fará a reciclagem do plástico. Embalagens de vidro são enviadas com maior frequência para o reaproveitamento, embora em volume menor. O trabalho é um dos resultados do Projeto Piloto de Reciclagem de Embalagens de Agrotóxicos, implantado em apenas duas localidades paranaenses: Palotina, no Norte, e Santa Terezinha, no Oeste do Estado. Este último conta com total apoio de Itaipu, que implantou abastecedores comunitários, cedeu técnicos para os estudos necessários e até material para a

construção do barracão de Santa Terezinha.

O Barracão de Triagem estoca embalagens utilizadas por três mil agricultores de Foz do Iguaçu, Santa Terezinha de Itaipu, São Miguel do Iguaçu, Medianeira, Missal, Santa Helena, Matelândia, Diamante do Oeste e Serranópolis do Iguaçu. Além de Itaipu, têm participação no projeto as prefeituras desses municípios, órgãos do governo do Estado ligados ao meio ambiente e a Cooperativa 3 Fronteiras (Cotrefal).

PASSO A PASSO

Da parte de Itaipu, o geógrafo Adair Berté, gerente da Divisão de Ações Ambientais, acompanhou o projeto ainda na fase de estudos. Também participou o técnico agroflorestal Milton Dutra de Campos, que no dia 19 de maio acompanhou o embarque das embalagens usadas. Dutra comentou que, “hoje, o saneamento ambiental do lago, no que se refere à agricultura, está resolvido”.

A preocupação de Itaipu com o reservatório, para manter as águas na melhor condição possível, contribui decisivamente para evitar problemas ambientais em toda a região. A coleta de embalagens, por exemplo, envolve uma rede que já chega a 300 abastecedores comunitários nos nove municípios.

Para entender como o processo funciona: o abastecedor é um depósito de água, puxada de fontes por meio de bombas elétricas ou rodas d'água, dependendo das condições do local. Cada reservatório, que armazena entre 10 mil a 40 mil litros de água, está instalado em pontos estratégicos. Os agricultores não precisam rodar mais que dois quilômetros da sede de sua propriedade até o abastecedor.

O reservatório fica sobre uma plataforma de

O sistema evita que resíduos de agrotóxicos vão parar no Lago de Itaipu

concreto, onde o agricultor se abastece de água, faz a mistura dos produtos químicos e depois a tríplice lavagem das embalagens usadas. Os resíduos dessa operação, que caem sobre a plataforma, são conduzidos por um ralo a um fosso com filtro preparado para neutralizar os princípios ativos dos produtos químicos.

O sistema evita que as embalagens sejam deixadas na própria lavoura e, ainda com resíduos, acabem sendo levadas em enxurradas para o Lago de Itaipu ou contaminem nascentes e poços. O plano é aumentar o número de 300 para 500 abastecedores nos próximos anos.

As embalagens usadas, no Barracão de Coleta, passam por uma prensa, no caso de plásticos, ou por moedores de vidro, até que o volume seja suficiente para ser enviado para a reciclagem. Só de vidro, nesses dois anos de projeto, já foram recicladas 25 toneladas. O dinheiro arrecadado com a venda de todo esse material é utilizado pelas prefeituras na melhoria do próprio sistema de coleta e armazenamento de embalagens.

ATÉ ESTRADAS

Milton Dutra de Campos, que conhece a região do Lago de Itaipu como a palma da mão – ele foi um dos técnicos que participaram da Operação Mymba Kuera, de resgate dos animais, antes da formação do reservatório –, diz que o grande objetivo de Itaipu é reduzir o aporte de sedimentos no reservatório. As medidas, no entan-

to, beneficiam diretamente os produtores rurais e o meio ambiente de maneira geral.

Entre os projetos executados, estão detalhes como “levantar” o leito das estradas. As estradas usadas pelos agricultores geralmente ficam no mesmo nível das lavouras. Com isso, quando há enxurrada, o solo (e os agrotóxicos) da lavoura segue pela estrada rumo a depressões, onde estão fontes de água, que acabam poluídas, ou mesmo o Lago de Itaipu. A solução encontrada é simples: o leito da estrada foi elevado e, com curvas de nível à margem, o solo da lavoura levado pelas águas retorna aos locais de origem. E a estrada, macadamizada, fica muito mais resistente e segura para o tráfego de veículos.

CONTROLE BIOLÓGICO

Geralmente, é necessário fazer apenas uma aplicação de agrotóxicos por ano. O número é maior quando há infestação de pragas. Para evitar isso, uma das formas é o controle biológico, defendido pelos técnicos de Itaipu. Dutra dá dois exemplos: para combater a lagarta da soja, usa-se uma lagarta contaminada pelo aculovírus, fatal para a espécie. Uma lagarta com aculovírus é congelada e, quando há um surto, o material é dissolvido num pulverizador e aplicado na lavoura. A doença, fatal para a praga, não afeta as plantações. Para o percevejo, o melhor controle biológico é propagar a vespinha. A vespinha é um parasita que, quando acha ovos de percevejo, come-os e deixa no lugar seus próprios ovos. Além de impedir o nascimento de percevejos, nascem vespinhas, inofensivas para a planta.



Milton Dutra de Campos.

Heliporto foi reformado



A Diretoria Administrativa fez reformas no heliporto da usina, que não oferecia boas condições de visualização e colocava em risco a segurança nos pousos. O heliporto é utilizado por Itaipu através de convênio com a empresa Helisul.

Quatis fazem check-up

Pesquisadores da Itaipu estão participando de um programa do Parque Nacional do Iguaçu – projeto Carnívoros do Iguaçu – para avaliar as condições físicas dos quatis que vivem próximo às Cataratas. Neste ano, eles fizeram um check-up completo em 20 quatis. Depois de medir, pesar e coletar sangue desses animais, o material foi analisado no Laboratório Ambiental da Itaipu. Os quatis, antes de voltar ao parque, recebem uma marca.

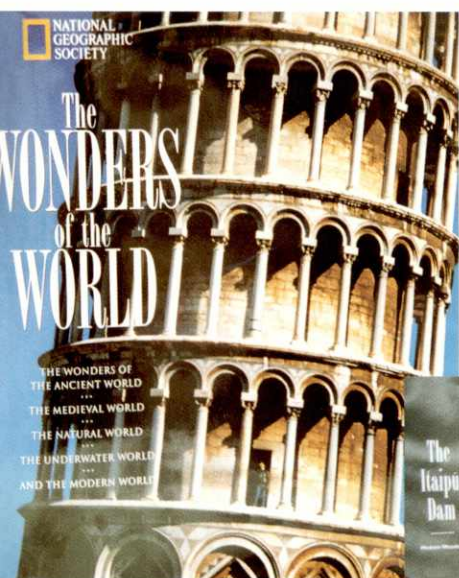
Os dados obtidos com os animais do Parque Nacional serão comparados, no futuro, com os dos quatis criados em cativeiro que serão soltos na mata que margeia o Lago de Itaipu. “Nós queremos saber se haverá algum tipo de diferença entre os grupos de animais que vivem em matas nativas e em áreas recuperadas”, explica o veterinário Wanderlei de Moraes.



A veterinária Valéria Amorin Conforte, do Projeto Carnívoros do Iguaçu.



O quati recebe uma marca para ser identificado futuramente.



Capa do livro e foto em duas páginas que mostra a impressionante visão do salto de esqui do vertedouro.

“Usina é um templo sobre o rio”

A National Geographic Society, dos Estados Unidos, lançou este ano o livro “The wonders of the world” (As maravilhas do mundo), com 234 páginas. Para o Brasil, a luxuosa edição reserva dois desta-

ques: Itaipu, incluída entre as sete maravilhas do mundo moderno; e o Rio de Janeiro, entre as sete maravilhas da natureza.

O leitor faz uma verdadeira viagem pelo que há de mais bonito e interessante no planeta. Começa pelo mundo antigo, com fotos que mostram as sete maravilhas listadas no século 3 depois de Cristo: as Pirâmides de Giza, os Jardins Suspensos da Babilônia, o Templo de Artêmis e Éfeso, a Estátua de Zeus em Olímpia, o Mausoléu de Halicarnasso, o Colosso de Rodes e o Farol de Alexandria.

Depois, um passeio pelo mundo medieval, onde se incluem as Muralhas da China e a Torre Inclinada de Pisa. Nas sete maravilhas da natureza, a National Geographic Society lista o Monte Everest e o Grand Canyon. Mas optou pelas Cataratas de Vi-

tória, na África, ao invés das nossas Cataratas do Iguaçu. Para o Brasil, pelo menos, uma compensação: a Baía do Rio de Janeiro está na relação.

Prosseguindo a viagem, a revista desce ao fundo do mar para mostrar as sete maravilhas submarinas, como as que existem na região das Ilhas Galápagos e sob o Mar Vermelho, entre outras.

Na lista das sete maravilhas do mundo moderno está Itaipu, ao lado do Edifício Empire State, do Canal do Panamá, da Torre da Canadian National Railways, do Eurotúnel, dos Projetos do Mar do Norte para Controle das Águas e da Ponte Golden Gate. Itaipu mereceu seis páginas do livro. Depois de contar detalhes sobre a usina, a revista conclui que o complexo de Itaipu é hoje “como um templo de concreto sobre o Rio Paraná”.

Equipe da TV Naipi passa 4 dias na usina



A equipe da TV Naipi com o entrevistado, nos velhos alojamentos.

Uma equipe da TV Naipi passou quatro dias em Itaipu, entre 11 e 14 de maio, produzindo um documentário de meia hora para o programa “Paraná Repórter”, transmitido no dia 23 daquele mês pelas quatro emissoras do SBT no Estado. A repórter Patrícia Taufer, que já tinha feito várias matérias sobre a usina, não pensou que encontraria tantos assuntos interessantes para abordar. “Dá para entender porque Itaipu é uma das maravilhas do mundo moderno”, disse ela, depois de concluir a reportagem.

A partir dali, entraria em ação a editora Isara Bock, que acompanhou boa parte do trabalho de Patrícia e do cinegrafista Mário César. No último dia de filmagens, a equipe mostrou os antigos alojamentos, dos tempos em que o canteiro de obras chegou a ter mais de 30 mil trabalhadores. Os corredores, os quartos, as calçadas e até os banheiros comunitários dos galpões, que hoje lembram uma cidade fantasma, reviveram nas lembranças de João Antônio de Lima, que trabalhou na Usina entre 80 e 86.

Segundo João, ele foi “convencido” por insistência de Patrícia a participar da reportagem. Mas, depois da primeira gravação, entusiasmou-se e não se cansou de repetir cenas, de “fazer de conta” que abria janelas e portas, de caminhar

debaixo de uma chuva insistente ao lado da repórter contando fatos pitorescos que presenciou ou ouviu dizer.

“SEM REPETIR IMAGEM”

Patrícia, no final dos quatro dias de muito trabalho, comentou que várias coisas a impressionaram em especial: os alojamentos (“dá para se ter uma idéia de como devia ser isso aqui na época das obras”); o CCR, de onde “por alguns botões se controla a energia que vai para o País”; e a cota 40 (“Pude até pegar algumas pedras do leito do rio. Achei incrível”). Entusiasmada, ela nem se queixava da roupa e dos sapatos encharcados. “Vale o sacrifício”, garantiu. O cinegrafista Mário César compartilhava da emoção de Patrícia. Com a experiência de onze anos de profissão, ele pensava que já conhecia “tudo” sobre Itaipu. Mas ficou surpreso com as possibilidades que a usina oferece para uma câmara: “Acho que dá para passar um mês aqui sem repetir uma só imagem”, disse. A reportagem de Patrícia, Mário e Isara utilizou, além das imagens feitas pela equipe, outras do novo vídeo de Itaipu e do arquivo da emissora. O “Paraná Repórter” é mensal e tem meia hora de duração.



Debaixo da chuva e molhando os pés: tudo por uma boa reportagem.

Pelo SUS

Pronto-socorro no Costa Cavalcanti



O secretário de Saúde do Estado, Armando Raggio, e Juarez Ramalho, assessor da Fundação Itaiguapy, cortam a fita inaugural do Centro Médico.

Na solenidade de inauguração do Centro Médico do Hospital Costa Cavalcanti, mantido pela Fundação Itaiguapy, o diretor-geral brasileiro de Itaipu, Euclides Scalco, anunciou a instalação de um pronto-socorro para atender os pacientes do SUS (Sistema Único de Saúde). A inauguração das clínicas, no dia 27 de maio, teve a presença dos secretários de Saúde do Paraná, Armando Raggio, e de Foz do Iguaçu, Sadi Buzanello.

Segundo Scalco, o pronto-socorro será instalado no prédio onde funcionava a creche de Itaipu, anexo ao hospital. A Fundação Itaiguapy fornecerá as instalações e os médicos, enquanto caberá ao Estado e ao Município liberar os recursos para o funcionamento do pronto-socorro. “A parceria entre a Itaipu, o Estado e o Município é de extrema importância para a solução de problemas que afetam toda a comunidade”, disse Scalco. Ele lembrou que, com as parcerias, há dois anos o hospital passou a atender pacientes do SUS, através da cessão de 52 leitos, e criou o hemonúcleo.

O CENTRO MÉDICO

O diretor-superintendente da Fundação Itaiguapy, Ricardo Foster, disse que todas ações de alcance social da fundação tiveram o apoio da Itaipu Binacional. “Foi essa diretoria da Itaipu que abriu o hospital para a comunidade da região”, ressaltou.

O novo Centro Médico reúne as clínicas de fisioterapia, odontologia, oftalmologia e otorrinolaringologia, medicina ocupacional, laboratório de análises clínicas, neurologia e dermatologia, ginecologia e obstetrícia, pediatria e alergologia, clínica médica, cirurgia e nefrologia. Todas essas áreas funcionavam em ambulatórios dentro do hospital, deixando espaços que serão ocupados por novas especialidades, como hemodinâmica e tomografia computadorizada.

Sob a ameaça das macrófitas

Uma equipe de funcionários das áreas de Engenharia, Operação, Manutenção e Meio Ambiente conheceu de perto os estragos que as plantas aquáticas, as chamadas macrófitas, causam numa usina hidrelétrica - não só em termos de geração de energia, mas também no aspecto de lazer, abastecimento de água e navegação. Eles visitaram no começo de maio as hidrelétricas de Jupia, Três Irmãos e Ilha Solteira para ver como esses vegetais são combatidos.

Proliferando-se em grande quantidade, essas plantas chegaram a obstruir as entradas de água das unidades geradoras da usina de Jupia. Para retirar as macrófitas das grades de proteção das tomadas de água, a usina gasta cerca de US\$ 700 por dia, mais de US\$ 20 mil por mês.

PLANTAS A GRANEL

Diariamente, guindastes especiais retiram 60 metros cúbicos de macrófitas das grades de proteção, algo equivalente a 1.200 sacos de lixo de 50 litros. Em um ano, os técnicos da CESP (Companhia Energética de São Paulo) somaram 14 mil metros cúbicos de plantas recolhidas da usina de Jupia.

A quantidade de macrófitas é tão grande que, algumas vezes, foi preciso utilizar mergulhadores para cortar as plantas com facão, antes da ação dos guindastes. Como a opção pelos mergulhadores, além de cara era perigosa, foram construídas duas lâminas especiais, apelidadas de pre-tobarba, que pesam 2,5 toneladas cada, para fazer o corte das plantas. "A primeira faz tcham, a segunda faz tchum e tcham, tcham, tcham, tcham...", brincam os técnicos da usina.

Apesar dos gastos, a CESP acredita que esse custo é bem menor do que ter de trocar as grades de proteção e parar as máquinas. Segundo um levantamento elaborado pela empresa, caso as plantas não fossem



Em Jupia, um guindaste retira das águas do reservatório 60 metros cúbicos de planta por dia.

coletadas diariamente, o prejuízo seria de US\$ 1 milhão por mês.

EM ITAIPU

De acordo com dados da Superintendência de Meio Ambiente da Diretoria de Coordenação, a proliferação de macrófitas no Lago de Itaipu está estabilizada e em permanente monitoramento. "Não há motivo para grandes preocupações", afirma o biólogo Hélio Fontes. Ele explica que o reservatório tem características que não favorecem o desenvolvimento dessas plantas.

A água do Lago é basicamente turva, o que não facilita o crescimento das macrófitas submersas, consideradas as mais prejudiciais para a geração de energia. Além dessa característica, o reservatório é bastante profundo, por isso as macrófitas se concentram nas margens, numa profundidade menor do que três metros. E, por último, o lago apresenta um baixo índice de poluição orgânica, que fornece os nutrientes para a proliferação das plantas.



Reforma no Edifício Parigot de Souza

A instalação do sistema de cabeamento estruturado para a rede interligada de informática no Edifício Parigot de Souza, em Curitiba, está exigindo reformas nos tetos do segundo ao décimo andar. Será colocado um forro, que rebaixará o teto atual em 40 centímetros, adequando-se as instalações da rede de informática às divisórias, luminárias e sensores de presença existentes. O forro também permitirá melhor isolamento acústico dos gabinetes fechados e possibilitará a redução do número de luminárias. Como serão lâmpadas de alto rendi-

mento no lugar das atuais, a previsão é que o gasto com energia no edifício diminua 20%. Além disso, será instalado um sistema de ar-condicionado central, que funcionará em conjunto com os aparelhos de janela, proporcionando conforto térmico tanto no inverno como no verão.

Os custos da reforma serão repartidos entre as diretorias Geral, Financeira, Administrativa, Jurídica e Técnica, de acordo com a área que cada uma delas ocupa. As obras devem ser concluídas até o final de novembro.

Pagamentos de Royalties

REPASSE: 10.06.98	JUROS 91/92	PARCELA MAIO/98	TOTAL EM US\$ MIL
ANEEL, MMA, MCT	300,0	797,2	1.097,2
PR e MS	1.165,0	3.095,5	4.260,5
Foz do Iguaçu	220,7	586,4	807,1
Sta. Terezinha Itaipu	45,8	121,7	167,5
S. Miguel Iguaçu	295,9	264,1	560,0
Itaipulândia	-	522,2	522,2
Medianeira	1,3	3,4	4,6
Missal	43,8	116,4	160,2
Santa Helena	288,4	766,3	1.054,7
Diamante do Oeste	6,1	16,3	22,5
S. José Palmeiras	2,1	5,6	7,8
M. Cândido Rondon	169,8	162,8	332,6
Mercedes	-	56,1	56,1
Pato Bragado	-	136,8	136,8
Entre Rios do Oeste	-	95,6	95,6
Terra Roxa	1,7	4,6	6,3
Guaira	55,8	148,2	204,0
Mundo Novo (MS)	16,1	42,7	58,8
A MONTANTE			
Estados	185,0	492,0	677,0
Municípios	202,5	538,1	740,6
TOTAL	3.000,0	7.972,2	10.972,2

No dia 10 de junho, a Itaipu fez mais um pagamento de royalties ao Tesouro Nacional, encarregado de distribuir os recursos aos Estados, municípios e órgãos federais com direito ao benefício. Com esse repasse, no valor de US\$ 10,97 milhões, a empresa já pagou mais de US\$ 728 milhões desde 1991, quando decreto federal instituiu a compensação financeira pelo aproveitamento hidráulico do Rio Paraná para geração de energia. Somente na atual administração brasileira da binacional, iniciada em outubro de 1995, foram repassados US\$ 478 milhões, aproximadamente.

ADIVINHE QUEM É...



... esta gatinha de 4 anos de idade? Ela acha que não mudou nada. "O queixo é o mesmo, me dizem", conta. Neste caso, nem precisa de dica!



E este garotinho, o primeiro da esquerda para a direita, você consegue imaginar quem seja? Na foto, ele está com dois irmãos e amiguinhos. Uma dica, pois está difícil: ele trabalha em Curitiba.

Aqui você confere os "adivinhos" da edição passada:



Sílvia José Silvestre disse que todo mundo descobriu que era ele na foto com a camisa do Corinthians. Sílvio trabalha na Divisão de Apoio a Usuários da Superintendência de Informática, em Curitiba.



Não foi fácil adivinhar quem era o bebê fofinho, não é mesmo? Trata-se do elegante vice-superintendente de Orçamento e Contabilidade, Nelson Stelmak, de Curitiba.

DESIGNAÇÕES



Edith de Souza Silva é secretária brasileira do Conselho de Administração.



Carlos Américo Stingelin Guimarães, assistente do diretor Administrativo, acumula o cargo de assessor de planejamento e coordenação do mesmo diretor.



Viviane Brasil Crespo de Araújo é gerente da Divisão de Recursos Humanos - Curitiba.

ANIVERSARIANTES

JULHO - Dia 1º - Antônio Dilson Pereira, Ariosvaldo Ramalho Frade, Jubrair Bissoqui e Ramona Alves Valadão. Dia 2 - Lucila Ramires Ferques, Alberto Cruz, Maria Aparecida Marques, Targinne Deise Altmann e Orlando Silva. Dia 3 - Luiz Alberto Sottomaior, Cristina Trevisan, Gilmar Bousquer de Oliveira, Renata Beatriz Gallaztegui e Murilo Sérgio B. Santiago. Dia 4 - Manoel José da C. Barros, João Batista Francisco e Carlos Roberto M. Coutinho. Dia 5 - Luiz Eduardo Barata Ferreira, Eliana Acordi Bueno, Claudete de Fátima Machado e Waldemir Piccinin. Dia 6 - José Rodrigues Pinto, Ricardo Gonçalves Peres, José Barbosa da Silva, José Borges de Castro, Roberto Silva Lima e Henrique Rodrigues. Dia 7 - Oldenon Mendes de Oliveira, Gilberto Cirilo Nobili, Darci Adolfo Roese, Sidney Antônio Barbosa, Ademir Missias dos Santos e Rogério Giacomazzi. Dia 8 - Ana Maria Garcia Rossi, Valério Gomes Barradas, Zilmara Vidal Farias e Carlos Pedro Schultes Amaro. Dia 9 - Luciano Migliore e Sandro Alves Heil. Dia 10 - João Francisco V. de Mattos e José Carlos Moia Wille. Dia 11 - João Gilberto da R. Machado, Flávio José Pereira, Mariley Lourdes D. Custódio, João Aristides de Aguiar, José Landi de Souza Mello, Jorge Luiz Amatuzo e Mário Gubert Filho. Dia 12 - Marli Peters, Robson dos Anjos, José Roberto Borghetti e Luiz César Savi. Dia 13 - Sebastião Valteir G. Nogueira, Cristina M. T. Stock Leopoldino e Margaret Mussoi L. Groff. Dia 14 - Renê Diomar Fernandes, Irlene Damiani Bolzon, Lillian de Oliveira N. Alves, Osly Machado de Campos e Cleverson Fabrício Batista. Dia 15 - Adelar Segismundo Della Torre, Henrique de Mello Torrentes, Luiz Carlos Ojeda e Marcos Fernando Veit. Dia 16 - Sílvio R. Rangel Silveira, Joaquim Mendes Ferreira, Sílvio Monteiro, Rogério Diniz Siqueira, Lair Guaiato, Arlete Garbelotti Leite, Valdete Slociak e Marcos Antônio da Matta. Dia 17 - Alexandre M. Fernandes Filho, Antônio Hélio Paschoalino, Alexandre Donida Osório, Moacir Colombelli, Sérgio Leopoldo Kummer, Fátima Regina Mossini e Eveline Poletto P. Tochetto. Dia 18 - Irineu Colombelli e Lucilaine Flôr Ferreira. Dia 19 - Paulo Roberto Vieira, João Carlos Ferrer Garcia e Sérgio Leão Rosenberg. Dia 20 - Valdecir Maria, Sérgio Luiz Scherer, Ari Pasinato, José Franklin R. T. Alves, Giancarlo Marzovilla e Luiz Antônio Pereira Pinto. Dia 21 - Valtemir Rocha dos Santos, João Alves dos Santos, Elmar Pessoa Silva, Pedro Martins Moreno, Elizabete Medeiros e Antônio Salm. Dia 22 - Alexandre Carlos C. Andrade, Valdely Gomes Ferreira, Pedro Prybicz, Fábio Rogério G. Nunes, Jerusa Marchi Vaz, Felix Kammer e Vilson de Almeida Garret. Dia 23 - Julie Christian Ghellere e Eduardo Ferraz Costa. Dia 24 - Rovilson da Silva Prado, Fernando Rodrigues Batista e Cláudio Glasenapp. Dia 25 - Idário Paz da Silva, Leo Alves de Oliveira, Antônio Rosa e Édio Jacó Willmbrink. Dia 26 - Francisco de Assis C. Motta. Dia 27 - Carlos Augusto Attuy, Osmar Augusto Friedrich, Adão Maciel, Jair Jeremias, Alfredo Alves de Lima e Manoel Antônio da Silva. Dia 28 - Adilson Justus, Vilmar de Freitas, Sérgio Roberto Troian, José Luiz Pereira, Daniela Ingeinczaki e Neli Rosa Rover. Dia 29 - João Darci Buss, José Machiavelli, Edgar Carlos Eckelberg e Maria Armenes da S. Monteiro. Dia 30 - Manoel Edir G. Fernandes, Renato O'Leary Costard, Ademar Luiz Lenzi, Elias Benedito Pereira, Carla Costa e Aparício Caetano Formiga. Dia 31 - Gilmar Vieira Alves, Lúcia Cordeiro Mascarello, Rolando de Conti, César Augusto Kneib, Temiam Almeida de Moraes e Mércia Regina Moreira Farias.

CAUSOS DE ITAIPU

Barrado na pista

No dia 11 de novembro de 1988, as ruas da Vila A se transformaram em autódromo para sediar a última etapa do Campeonato Brasileiro de Fórmula Ford. Em clima de Grand Prix, a vila atraiu milhares de pessoas. Preocupados com a segurança dos pilotos e do público, os organizadores da prova orientaram os policiais militares a não permitir que qualquer veículo ou pessoa atravessasse a pista do circuito.

Poucas horas antes da corrida começar, um dos diretores da Itaipu, na época, deixou o Hotel Bourbon, onde se hospedava, para dar a largada à corrida. Quando se aproximou da pista, um policial militar soou o apito.

- Aonde o senhor pretende ir? – indagou o guarda.

- Eu sou diretor da Itaipu e preciso chegar até a reta dos boxes para dar a largada da prova.

- Só se for a pé. O carro fica! – disse o distinto policial.



No alto do pódio, Christian Fittipaldi, campeão da prova, e Djalma Fogaça, campeão da temporada.



- Mas sem a minha presença não tem corrida – justificou o diretor.

- Não me interessa. Ordens são ordens! – falou a autoridade.

- A pé eu não vou!

- Problema seu! – retrucou o policial.

Resultado: em sinal de protesto, o diretor jogou pela janela o seu recém-aceso charuto de US\$ 20 e foi embora. A largada foi dada por um dos engenheiros da Itaipu que ajudaram a organizar o evento.

Detalhe: a prova foi vencida por um jovem piloto, hoje bastante conhecido nas pistas do mundo inteiro – Christian Fittipaldi. Mas o título de campeão da temporada ficou com Djalma Fogaça, que também subiu ao pódio.

O “mala” da pescaria

Circula entre a turma de Itaipu que gosta de pescar um “aler-ta” que vale por um causo. Confira o que diz o folheto apócrifo, mas nem por isso menos verdadeiro:

“Muito cuidado ao convidar um amigo para uma pescaria. Escolha bem seu companheiro de pesca, porque se você não tomar cuidado acabará levando um ‘mala’.

Saiba quem é o ‘mala’:

- Geralmente, não possui barco e muitas vezes nem carro;

- não tem material de pesca, e se tem não leva;

- na hora de pagar as despesas, sempre afirma: esqueci o dinheiro e o talão de cheques em casa;

- nunca leva comida e nem cerveja, mas

na hora do lanche é sempre quem come e bebe mais;

- quando vai arremessar, quase vira o barco, sem contar o risco de um colega levar uma chumbada nas costas ou ter um anzol cravado no boné;

- quando manuseia o material de pesca, faz tanto barulho, que num raio de dois quilômetros qualquer ser vivo escuta;

- ao sentir uma beliscadinha na vara, sua fígada é tão forte, que vira de ponta-cabeça no barco (isso quando não arranca a cabeça do peixe);

- fala alto e não deixa ninguém falar. Ele é o ‘bom da boca’, sabe de tudo, sobre os melhores pescueiros, a melhor maré, a hora do peixe, a melhor isca...

- entra no barco com os sapatos sujos de barro e limpa-os no estrado;

- na viagem de retorno da pescaria, dor-



me e baba no estofamento do carro, sem contar os gases, que atribui aos sanduíches que comeu de graça;

- quando chega em casa, separa a maior quantidade e os maiores peixes e ainda reclama que vai ter que limpá-los. Bate em nossas costas e pergunta:

- Quando iremos pescar de novo, com padre?

Para completar, depois da pescaria, se reúne no bar com os amigos e se gaba que nos levou para pescar, nos ensinou a arte da pesca e pegou o maior peixe.

Amigo pescador, cuidado com o ‘mala’.